Ano II — Lisboa, 1 de Setembro de 1946 — N.º 17

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactores
Manuel António Palma
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

ESPÍRITO DE INICIATIVA

O oitavo artigo da Lei do Escoteiro — *o escoteiro tem iniciativa e toma a responsabilidade dos seus actos* — é dos primeiros em valor educativo e define a mais importante característica do escoteiro individualmente e do Escotismo colectivamente.

Ter iniciativa, capacidade de empreendimento, de realização, espírito de perseverança, se são qualidades essenciais para que um jovem triunfe na profissão e na Sociedade, são especialmente virtudes que fazem as nações prósperas. Ditosa a Pátria que se possa orgulhar de possuir filhos com tais predicados, porquanto, conseguirá fàcilmente vencer as suas dificuldades, prosperar, desenvolver as Ciências, as Letras, as Artes.

Foi o espírito de iniciativa que levou os portugueses de antanho *por mares nunca dantes navegados*, que gerou a radiosa restauração de 1640, que realizou a importante obra de fomento industrial e agrícola no reinado de D. José. Foi a capacidade de empreendimento que, contra as maiores contrariedades, conduziu às admiráveis jornadas de pacificação e ocupação dos nossos territórios ultramarinos. Foi a vontade firme de realizar que tornou possível a arrojada viagem aérea ao Brasil por Sacadura e Coutinho. Sim, é o espírito de iniciativa que faz os homens e as nações grandes.

Não admira pois que o Fundador, Baden-Powell, na sua genial visão, tivesse fundamentado o Escotismo em tão importante princípio e o tivesse estabelecido como característica predominante do Movimento.

É pois mister que aproveitemos as excelentes oportunidades que o Método nos proporciona para o desenvolvimento do espírito de iniciativa. A patrulha é a forja donde sairão caracteres activos e arrojados, personalidades fortes. Deixemos que o rapaz opere livremente, deixemo-lo treinar as suas faculdades, permitamos que ponha em prática as suas próprias iniciativas. Deixemo-lo sentir a satisfação de ver perfilhadas as suas opiniões. Sempre que seja possível prefiramos as suas iniciativas às nossas, sacrificando talvez parte do êxito material, mas aproveitando em resultado educativo o estímulo que tal preferência pode exercer no seu carácter. Numa palavra, exercitemos o escoteiro na acção, pelo hábito de realizar, sempre *assumindo a responsabilidade dos seus actos.*

É possível que, por vezes, se trate de iniciativas de pequeno âmbito, porém, a experiência conquistada, o exercício da vontade, tornarão o adolescente apto para maiores cometimentos.

Não esqueçamos, porém, que a melhor educação é a ministrada pelo exemplo. É pois essencial que todos os organismos escotistas, particularmente os grupos, sejam animados de igual espírito de iniciativa. Só a acção dinâmica satisfaz e entusiasma a juventude. Não há veneno mais pernicioso para a educação, que a indolência, a rotina, a negligência, a ociosidade.

Necessitamos de manter bem vibrante a nossa capacidade de acção, a agudeza do nosso espírito de empreendimento. Tudo quanto o escotismo fizer para desenvolver o espírito de iniciativa da juventude, será serviço de valor prestado à Nação, e que a seu tempo dará frutos preciosos.

Como se fundou o Escotismo nos Estados Unidos

Marinheiros dos Estados Unidos da América — país onde o Escotismo tem um desenvolvimento grandioso — visitaram recentemente Portugal. Parece-nos que será oportuno dar a conhecer aos nossos leitores a maneira como o Escotismo chegou à grande Nação americana.

Era no outono de 1909. Durante todo o dia a grande cidade de Londres estivera presa de uma densa neblina, a qual, invadindo pouco a pouco a cidade, paralizou todo o trânsito.

Um americano, William D. Boyce, publicista de Chicago, tinha dificuldade em encontrar um escritório do centro da cidade. Estava detido na esquina duma rua debaixo do letreiro indicador, para se orientar, quando saindo do nevoeiro se aproximou um rapaz que lhe perguntou:

— Senhor, posso ajudá-lo?

— Pode, disse Boyce, diga-me como chegar a esta direcção.

— Eu o conduzirei lá, disse o rapaz, levando Boyce ao seu destino.

Ao chegar, o publicista americano, meteu a mão ao bolso para lhe dar uma gratificação; porém antes que o fizesse, o rapaz saudando-o disse: Não, obrigado Senhor, sou escoteiro e um escoteiro nunca recebe nada por ajudar alguém.

— Um escoteiro? Que é isso? — perguntou Boyce.

— O senhor não tem ouvido falar dos escoteiros de Baden Powell?

Boyce não tinha ouvido, e disse-lhe: «Diga-me alguma coisa sobre eles» — e escutou com grande

(Continua na 1.ª coluna da 2.ª página

Como se fundou o Escotismo nos Estados Unidos

(Continuação da 1.ª página)

interesse a narração do rapaz; e depois desta concluída pediu-lhe que o conduzisse à sede dos escoteiros britânicos. Ali o rapaz desapareceu antes que o publicista tivesse oportunidade de lhe perguntar o seu nome.

Na sede Boyce encontrou-se com Baden Powell, iniciador do Escotismo, que havia fundado os *Boy Scouts* no ano anterior. Baden Powell explicou a Boyce tudo referente aos escoteiros, impressionando-o profundamente, pelo que, no seu regresso, iria ver o que o Escotismo poderia fazer na América.

E assim, em 1910, a 8 de Fevereiro, Boyce e outros homens proeminentes interessados na juventude, fundaram os escoteiros na América. Desde então, cada ano, este dia se comemora como o aniversário do Escotismo americano.

Desta maneira, uma simples boa acção feita a um americano e executada por um escoteiro inglês, levou o escotismo aos Estados Unidos. Uma boa acção feita a um homem, chegou a ser uma boa acção feita a milhões de rapazes americanos.

Que foi do rapaz? — nada se sabe, nunca se soube mais dele. Porém, dezassete anos depois de ter executado sua boa acção, deu-se a mais alta condecoração dos *Boy Scouts of America*, à memória deste rapaz que não necessitou de ser retribuído.

Se o leitor alguma vez visitar Gilwell Park, em Inglaterra, o Centro da Educação dos escoteiros britânicos, poderá contemplar uma bela estátua de um búfalo americano. É a reprodução em grande da condecoração «Búfalo de Prata» com que se galardoa os que tenham prestado serviços distintos, especialmente na mocidade.

A inscrição do seu pedestal diz: *«Ao escoteiro desconhecido, cuja fidelidade no cumprimento da «Boa Acção Diária» levou à instituição dos escoteiros nos Estados Unidos da América».*

Do *«Boletim Scoutivo»* do Chile

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Casamento — Em 17 de Agosto findo, em Olhão, consorciaram-se o nosso caro amigo Sr. Fernando Augusto Ferreira e a Sr.ª D. Maria Ermelinda Costa de Matos Garrana.

Os noivos que são, respectivamente, escoteiro dedicado do Grupo n.º 6 e membro muito activa do Departamento de Olhão da D. A. F. dos Escoteiros de Portugal, partiram para Lisboa em viagem de núpcias, tendo-nos dado o agradável prazer da sua visita. O *«Sempre Pronto»* deseja-lhes as maiores venturas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPROMISSO DE HONRA

Por LORD ROWALLAN
Escoteiro-Chefe Geral do Império Britânico

Recebi, não há muito tempo, uma carta dum Chefe, na qual se referia a uma conversa tida com um seu camarada que dizia não crer em Deus, mas sòmente num Poder Dirigente impessoal, e que reconciliava seu Compromisso de Honra com esta crença pelo facto de no Compromisso não serem dados pormenores de que qualidade de Deus se tratava.

Num outro caso, um rapaz, na altura da sua investidura como Sénior, declarou não acreditar em Deus, mas dizia poder conscientemente tomar o Compromisso porque admirava a Natureza e era, por conseguinte adorador de Deus. Não aceitava um Rei, mas como ajudava seu país na guerra e o Rei era sòmente o símbolo do seu país, não havia nada que o impedisse de prestar o Compromisso.

Tenho ouvido também, Chefes que interpretam a regra. *«É de esperar que cada escoteiro pertença a alguma denominação religiosa e assista aos seus serviços»* (1) como não dizendo respeito aos Chefes, por nas «Definições» escoteiro incluir só Lobito, Júnior e Sénior. Para mim parece-me que devemos cumprir este princípio porque ele é fundamental para o completo Ideal do Escotismo.

É certo que o Fundador, no seu alto saber e larga visão, se esforçou, com sucesso, para que o Movimento incluísse pessoas de todos os credos, tendo boa vontade de viver dignamente; visto que Deus é sempre o mesmo, de acordo com as nossas crenças, quer seja o Deus cristão, o Jeová hebraico, o Allá maometano, ou ainda outros nomes que o homem use nas suas súplicas.

Mas parece-me que Deus, a quem nós devemos servir, não será um Poder Dirigente inteiramente impessoal, mas é também um Deus pessoal, um Deus a Quem adoramos e a Quem reverenciamos, a Quem pedimos para nos dirigir e Quem, segundo o nosso conhecimento, nos dá a protecção em resposta às nossas preces: um amigo pessoal em Quem encontramos conforto e inspiração.

Tive prazer em saber que Sir Percy Everett confirmou que foi este o pensamento do nosso Fundador quando formulou o Compromisso. No Gilwell nós aprendemos que a maneira mais fácil de ser «inventor» é ser «investigador», mas isto não nos dispensa de sincera investigação; não significa que, possamos antecipadamente fazer depender da nossa maneira de pensar aquilo que vamos investigar. Temos falado àcerca do exemplo pessoal; se o Chefe não souber render-se perante a Verdade, não pode esperar que os seus escoteiros o façam.

Nenhum de nós pode esperar conhecer Deus na Sua perfeição, pois S. Paulo nos diz: *«Agora vemos por espelho em enigma»*, e espero que continuemos a ser «investigadores» através de nossas vidas mas sem que isso nos impeça de lhe prestarmos serviço em adoração e louvor.

Fiquei satisfeito ao saber o princípio, estabelecido em Glasgow, na Conferência de grupos de crentes cristãos fundamentalistas de diversas partes do país, e espero que todos aqueles, particularmente os mais jovens chefes, que não fizeram ainda a sua «descoberta», aproveitarão estas oportunidades para clarificar suas próprias ideias.

. . . . . .

«A honra do escoteiro é sagrada» e quando prestamos o Compromisso ou o ratificamos na presença dos nossos rapazes — e isto é importante — devemos ser sinceros, não fazendo reservas mentais. Se assim procedermos, asseguro que estaremos mais habilitados para desempenhar o nosso serviço junto escoteiros.

Trad. do *«Scout Leader»*

(1) Baden Powell.

• • o • •

INCONFIDÊNCIAS

Consta que, anexo ao Grupo n.º 53, está em organização uma excelente secção da Divisão Auxiliar Feminina.

Consta que na cidade de Faro já se iniciaram os preparativos para a constituição de uma secção da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal.

Alegrem-se rapazes! Vai haver um novo jornal escotista!!! e mais bem feito, mais bem orientado, numa palavra — melhor que o *«Sempre Pronto»*. Consta que se vai chamar *Labaredas* Um chi-coração aos novos camaradas *jornalistas*.

OLHO À COCA

• • o • •

DE MOÇAMBIQUE

NOTÍCIAS DIVERSAS

● Completou o curso para oficial miliciano, obtendo boa classificação, o nosso assinante e amigo Sr. Vasco Viana Rodrigues.

● Na sede do Clube da Sena Sugar Estates, no Luabo, realizou-se uma simpática festa de despedida ao nosso assinante Sr. Dr. Fernando Barros, distinto médico daquela Companhia, que, em gozo de licença, partiu para a Metrópole.

● Partiu de Luabo para Xinavane, onde vai fixar residência, o nosso amigo assinante e antigo escoteiro em Lourenço Marques S. Ismael Pronto. — C.

A PROPÓSITO DO «DIA DO BOMBEIRO»

Uma passagem histórica...

D. JOSÉ I E O SERVIÇO DE INCÊNDIOS

Não podemos olvidar, que esta Nacão tão pequena, apoiada como simples orla do Atlântico, em que a sua linguagem terna e saudosa a que o épico tamanho prestígio lhe deu, a figura de D. José I, o Reformador, que teve como primeiro ministro a figura austera e vibrante de Sebastião José de Carvalho e Melo.

Reinado cheio de factos de alto vulto, foi também cheio de catástrofes, muito em especial a de 1 de Novembro de 1755, quando a cidade foi violentamente sacudida em «que o incêndio veio completar a ruína; as chamas abrangiam um espaço imenso, começando na igreja de S. Paulo, seguindo pelo forte de S. Paulo, bairro dos Remolares, Corte Real, Terreiro do Paço, Cais de Santarém, Palácio do Conde de Vila Flor, internavam-se depois no bairro da Alfama, indo pelo Arco de S. Pedro às freguesias do Castelo e de S. Martinho, passando pela igreja de Santo Elói, depois pela porta de Alfofa, colégio de S. Patrício, igrejas de S. Mamede e S. Cristóvão e tornejando a igreja de Santa Justa e o Poço do Borratém iam ao Hospital de Todos os Santos (este Hospital ardeu em 10 de Agosto de 1750, às 3 horas da manhã passando o incêndio aos prédios entre a Rua da Betesga e o Largo de S. Domingos, salvando-se 744 doentes, inclusive 17 loucos que foram passados para o convento de S. José), Convento de S. Domingos, Rossio, Palácio do Duque de Cadaval, portas de Santo Antão, Bairro Alto, S. Roque, Trindade, Convertidas, Chagas e daí desciam a S. Paulo, fechando o círculo abrasador», entre os edifícios incendiados, contou-se também o do Teatro da Ópera Real (ou Ópera Tejo) amplo e sumptuoso, mandado construir por D. José I. Assim é mencionado numa efeméride, por acaso, encontrada num pedaço de um jornal. Não foi apurado o número das vítimas, correndo a versão que parece aproximar-se de quinze mil, as quais foram lançadas ao rio, pelos frades, por alvitre do primeiro ministro.

Antes, em 10 de Outubro de 1754, manifestou-se incêndio no Bairro da Ribeira e por tal forma se ateou que, não obstante ser combatido por 20 bombas (o Senado possuía, ao mesmo tempo nove bombas. Muito mais tarde havia o número de dezasseis — em 1867), reduziu a cinzas o prédio e bastantes casas que lhe ficavam contíguas, comunicando-se ao Palácio do Marquês de Angeja, onde produziu irreparáveis danos, destruindo as excelentes pinturas da torre do mesmo palácio. Padeceram os efeitos desta calamidade muitas pessoas, entre mortos, estropiados e feridos...

Na página 621 do Tomo 15.º dos Elementos para a História do Município de Lisboa, lê-se, àcerca deste fogo, a consulta do Senado Municipal de D. José I, nos termos seguintes:

«Senhor — Ao Senado fez António Rodrigues Pereira e petição inclusa — (a cópia autêntica encontra-se no livro 6.º de Consultas e Decretos de D. José I, folhas 194) — em que representa que, acudindo seu filho ao incêndio que aconteceu no palácio do Marquês de Angeja, com a bomba de que o suplicante é capataz, fora um dos que padeceram o estrago que fez a abóbada que caiu no lugar em que o dito seu filho andava com a mesma bomba, de que resultou ficarem alguns mortos e muitos feridos, em que entrou o suplicando, como constou pela informação que deram em mesa os procuradores da cidade; e, para curar o seu dito filho, pediu o suplicante se lhe desse uma ajuda de custo... etc., considerando que o trabalho dos incêndios é o mais arriscado, e que a não se satisfazer, perderão os homens o zelo e a caridade com que em semelhantes casos se expoem ao perigo, pareceu ao Senado expor a V. Majestade esta matéria para que haja por bem que ao suplicante se possam dar 12$000 réis para curar seu filho, e que em semelhantes acontecimentos, se possa fazer uma piedosa gratificação correspondente ao distinto trabalho que fizer qualquer pessoa, das que são obrigadas a acudir aos incêndios e neles costumam laborar com as bombas, machados e outros instrumentos próprios para semelhante conflito, porque se não premiarem os que bem servem e se acudir aos que no mesmo trabalho padecem se segue um prejuízo irreparável ao bem comum de todo este povo... etc».

Em 17 do mesmo mês, era conhecida a resolução régia, nos seguintes termos: «Como parecer, sòmente quanto ao requerimento do suplicante». Parece que, não foi pelos homens bons, bem aceite o despacho real, estabelecendo em 11 de Abril de 1766 o Senado a seguinte decisão: «Obrigados todos os capatazes das companhias, assim que se tocar a fogo, logo em contingente, vão às Ribeiras das Naus, para receberem do capitão das bombas os apetrechos necessários. Em caso de falta, ou de alguns homens das suas companhias serem suspensos, pela primeira vez, até nova mercê do Senado e pela segunda, com perda da propriedade da capatazia, tirando-se-lhe a carta, e os homens expulsos das mesmas companhias — (braçais) — não podendo ser readmitidos.

O capitão das bombas a que se refere esta decisão do Senado era o mestre-calafate Domingos da Costa que tinha a gratificação de 80$000 réis por ano».

RIBEIRO NUNES

Problemas associativos

Em 28 de Maio de 1945 a Ordem de Serviço Nacional n.º 4 determinava a extinção dos Serviços Regionais, demitindo os respectivos Chefes, e considerava extintos os cargos de Sub-chefe de grupo.

Ambas as determinações estavam à margem do Regulamento Geral e careciam do mais elementar bom senso. Por isso a medida desagradou à quase totalidade dos dirigentes que manifestaram o seu desapontamento e o «Sempre Pronto» *referiu-se ao assunto no seu número de 15 de Agosto do mesmo ano, com manifesto aborrecimento dos dirigentes da A. E. P.*

De nada valeram os argumentos e as reclamações, porque aquelas medidas foram teimosamente postas em vigor, e as palavras clarividentes aqui proferidas a propósito da extinção do cargo de Sub-chefe, foram consideradas, nada mais, nada menos que propaganda dissolvente (!).

O tempo é o grande Mestre. O resultado das geniais *resoluções não foi mau, porque foi pèssimo.*

Em 19 de Julho último foi publicada a Ordem de Serviço Nacional n.º 9, subscrita pela mesma entidade e, sem sequer revogar o disposto na Ordem de Serviço n.º 4, volta a nomear Chefes Regionais e Sub-chefes de Grupo.

Façam os caros leitores o juízo que entenderem, porque nós já fizemos o nosso.

O Escotismo na Capital

A Região Centro vai ter, finalmente, uma actividade de conjunto que talvez possa contribuir para desentorpecer as unidades da Capital. Nos dias 7 e 8 do mês corrente efectua-se na Tapada da Ajuda um Acampamento comemorativo do aniversário da A. E. P.

O acampamento decorrerá em sistema de concurso sob a direcção do novo Chefe Regional Sr. Magalhães Ferraz. Na noite de sábado haverá *fogo de conselho*, no qual será feita a apresentação do Chefe Regional e seu adjunto, e uma palestra sobre a data comemorada.

Serão atribuídos prémios às patrulhas mais bem classificadas.

O «*Sempre Pronto*» deseja o maior êxito a esta actividade, na esperança de que muitas mais se repitam.

Novos Chefes Regionais

Finalmente foram nomeados Chefes Regionais para o Centro e para o Norte! As nomeações foram feitas a título interino até homologação pelas entidades oficiais. Em ambas as Regiões se espera um reavivamento de actividade, estando os respectivos dirigentes animados do melhor propósito.

NO CENTRO

O novo Chefe Regional do Centro é o Sr. João Maria Magalhães Ferraz, antigo elemento escotista. Prestou o seu Compromisso de Honra em 1913 nos Escoteiros Municipais, foi mais tarde Sub-chefe do Grupo n.º 2, do antigo Corpo de Escoteiros da Cruzada das Mulheres Portuguesas e Chefe do extinto Grupo n.º 8.

Tem sido dedicado bombeiro voluntário e comandou recentemente a Corporação dos Voluntários da Amadora.



Chefe Magalhães Ferraz

Para adjunto do Chefe Regional foi nomeado o Sr. Carlos Branquinho; escoteiro antigo do Grupo n.º 2 e mais tarde seu Sub-chefe. Desempenha presentemente o cargo de Chefe do Grupo n.º 17 que acumula com o novo lugar.

No seu primeiro comunicado o novo Chefe Regional diz:

«Saudamos, portanto, os prezados irmãos-escoteiros com o desejo de que se tenha recomeçado um período brilhante de actividade, não só para o bom nome da A. E. P., como para o bem da mocidade».

O *«Sempre Pronto»* cumprimentando os novos dirigentes da Região Centro, faz sinceros votos do melhor êxito para os seus propósitos.

NO NORTE

O novo Chefe Regional do Norte é o Sr. Manuel Ferreira Coelho, muito antigo dirigente escoteiro, tendo já desempenhado os cargos de Adjunto do Comissário da mesma Região e, posteriormente, de Comissário Regional do Norte, tendo dirigido o grande desfile em Aljubarrota em Agosto de 1936.



Chefe Ferreira Coelho

Elemento de óptimas qualidades de trabalho e de grande fidelidade ao Escotismo; a maneira honrosa como desempenhou o seu último cargo é garantia segura de que o Movimento muito tem a esperar da sua dedicação e competência.

Sabemos que os nossos camaradas no Norte se encontram muito satisfeitos com o seu novo dirigente, satisfação a que o *«Sempre Pronto»* se associa, e, apresentando cumprimentos ao Sr. Ferreira Coelho, fazemos os melhores votos de grandes prosperidades do Escotismo nortenho.

EM TOMAR
O «SEMPRE PRONTO» vende-se em
A GRÁFICA
Rua de Infantaria 15, n.º 106

PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO

Existem diversos meios de difundir a Educação. Todos eles, porém, bem aplicados, conseguem o seu benéfico e igual fim.

O Escotismo marca uma época do renascimento da educação da Juventude. É uma escola simples de métodos fortalecidos pela prática. E os seus resultados vêem-se claramente, crescem dia a dia. Homens, que foram jovens escoteiros e souberam indentificar-se com o ideal de fraternidade e compreensão humanas, disfrutam os seus benefícios sãos.

O Escotismo afasta os rapazes de numerosos vícios que prejudicam o organismo e envenenam para todo o sempre o espírito. Explicando e convencendo, pela razão, os inconvenientes do tabaco, o Escotismo consegue desviar desse carreiro onde se afundam tantos ingénuos que, inicialmente, julgam que é o fumar que os torna homens, —embora a boca amargue terrivelmente e o tabaco lhes pareça veneno. Chama rapazes à convivência fraterna com outros rapazes,— que antes de serem Escoteiros tão mal se conheciam e estimavam. Une-os numa defesa de conjunto. Aplica-se a divisa fundamental de todos os Escoteiros:—«Um por todos e todos por um». Isto quer dizer que em qualquer momento um bom Escoteiro, um Escoteiro que o é de alma e coração, um Escoteiro consciente dos seus deveres e direitos, defende os seus camaradas em todas as circunstâncias,—como os seus camaradas o defendem, também em qualquer momento preciso contra todas as injustiças.

Um bom Escoteiro, consciente e recto, estima todos os seus camaradas, qualquer que seja a sua condição na vida particular. Nunca se deve arranjar sarilhos, enleios, com este ou com aquele, apenas pela errada convicção e péssima educação de que somos melhores, valemos mais que qualquer outro.

O que se pretende é a valorização do Escotismo, pela elevação dos seus elementos, — e não a valorização de um elemento ao abrigo ou à custa e, até às vezes, com a possibilidade de prejuízo para o Escotismo.

Saibamos, cada um de nós que estamos na nossa trincheira, vigilantes, nesta tremenda batalha pela consciencialização da Juventude, cumprir o nosso dever, devotadamente, com energia e com elevação de carácter! Só assim estaremos devidamente à altura da missão que o nosso Movimento confiou a cada Escoteiro!

A. Vicente Campinas

A VOZ DO CHEFE

Os escoteiros e o domingo—Nos países cristãos, os escoteiros devem, sem falta, assistir ao culto de domingo. A tarde pode ser consagrada a exercícios tranquilos, como estudo da natureza, observação de insectos, animais, pássaros, plantas, pedras, etc. Nas cidades, em caso de mau tempo, pode-se também visitar bons museus, gabinetes de história natural, etc. Imitar também, os antigos cavaleiros errantes, prestando serviços: ir aos campos, apanhar flores para doentes, ir aos hospitais fazer leituras para os que jazem na cama. O domingo é dia de repouso, e não é repousar divagar ociosamente pelas ruas.

Deixar a ocupação e ir passear nos campos, eis aqui o verdadeiro repouso. Infelizmente, o domingo é muitas vezes um dia de fanatismo. Juntai ao aprendido na igreja, o estudo de Deus na natureza e o serviço do próximo.

Baden Powell

Do *«Scouting for boys»*

O VII ACAMPAMENTO NACIONAL DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

No dia 19 do mês findo os escutas acampados em Tomar, em número de algumas centenas, levantaram as suas tendas e regressaram às suas terras.

Tomaram parte no Acampamento as Regiões de Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Guarda e enviaram delegações as Regiões do Algarve, Évora e Madeira.

O *«Sempre Pronto»*, representado pelo seu Director, visitou o acampamento no dia 11 e no dia 16 o Chefe João Amorim, Sub-chefe Aníbal Horta e mais escoteiros do Grupo n.º 84 fizeram igual visita, tendo tomado parte no *fogo de conselho*. Os representantes do Grupo n.º 84 do Entroncamento fizeram a viagem em bicicleta.

O CONCURSO DE 1946

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9 — Ajuda

LISBOA

O «*Sempre Pronto*» oferece aos seus leitores um interessante **Concurso**, com valiosos prémios. Todos os nossos leitores podem concorrer, bastando para isso recortar o cupão publicado em cada número, responder à pergunta ou perguntas feitas, e enviá-las à nossa Redacção directamente ou por intermédio dos nossos Agentes e Delegados.

Ficarão habilitados aos prémios individuais todos os concorrentes com a totalidade das respostas certas. Além disso, podem indicar o número do grupo de escoteiros ou núcleo campista a que pertencem ou da sua simpatia, visto que não é necessário ser membro do grupo indicado, que ficará também habilitado aos importantes prémios colectivos.

Os prémios colectivos serão distribuídos aos grupos com maior número de concorrentes.

Os prémios individuais serão sorteados entre os concorrentes.

O concurso termina com o último número publicado no corrente ano.

42 prémios individuais 42 — **9 prémios colectivos 9**

INDIVIDUAIS

PRÉMIO «ANTERO LOPES»—Uma faca de mato sueca, oferta do conceituado estabelecimento de artigos de caça e campo, Antero Lopes, L.da, da Rua Eugénio dos Santos, 31 em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»—Um machado, com bainha e defesa de couro, oferta da reputada casa de artigos de campismo e correeiro, Vitorino de Sousa, L.da, da Rua dos Correeiros, 200 e 202 de Lisboa.

6 PRÉMIOS «DOMINGUEZ & LAVADINHO, L.da» — Seis caixas do óptimo papel de carta, de linho, **«Alsacien»**, oferta daqueles importantes armazéns de papelarias na Rua da Assunção, n.º 83, em Lisboa.

PRÉMIO «ELECTRO BRILHANTE»—**1 lanterna eléctrica com lentes de 3 cores.** Oferta da conhecida casa fornecedora de todos os artigos para electricidade e rádio, «Electro-Brilhante» da Rua dos Fanqueiros, n.º 187.

PRÉMIO «BERTRAND»—A interessante e consagrada obra de Júlio Verne «A Ilha Misteriosa», em 3 volumes, oferta da importante editora Livraria Bertrand, da Rua Garrett, 74 em Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA» — Dois exemplares do livro «Guia de Campismo» de Chaves Mendes, a mais completa obra sobre campismo publicada em Portugal, oferta daquela casa editora da Rua Luz Soriano, 33 em Lisboa.

6 PRÉMIOS «BIBLIOTECA COSMOS»—Seis exemplares da novidade literária **«O Campismo na Vida Moderna»**. Oferta das reputadas Edições Cosmos, da Rua da Emenda, n.º 111, 2.º em Lisboa.

3 PRÉMIOS «EDITORA ARGOS»—Três volumes da colecção «História Maravilhosa»: Kemal Paxá, Amudsen, Masaniello, oferta das conceituadas Edições Argos, da Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.º Dt.º em Lisboa.

COLECTIVOS

1.º Prémio «VIEIRA CAMPOS»

UMA LINDA TENDA CANADIANA, ref. 102/1.208 S. de Lintex, do catálogo da casa Vieira Campos, da Rua da Prata, n.os 215 e 217, de Lisboa, oferta desta importante casa fornecedora de todos os artigos de campismo. Prémio de grande categoria, dada a excelente qualidade e perfeito acabamento da tenda.

2.º Prémio «SPRIL»

Um bom arco e três flexas, de óptimo fabrico, oferta da reputada casa de artigos desportivos SPRIL, da Rua do Loreto, 34, 2.º em Lisboa. Prémio valioso e de grande interesse para o desporto no campo. O «Tiro ao Arco» presta-se admiràvelmente para ser praticado em complemento do campismo.

3.º Prémio «CASA DO DESPORTO»

Uma bola para voleibol e respectivo saco de rede, oferta da conceituada «Casa do Desporto» da Rua da Madalena, n.º 196 em Lisboa, fornecedora de todos os artigos para desporto.

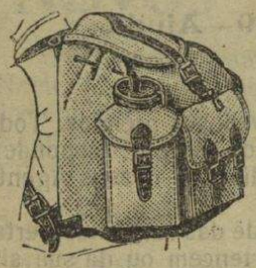
4.º a 9.º Prémios «SINO»

6 Prémios da óptima tinta «Sino»: 1 frasco n.º 5.013 (1 litro); 1 frasco n.º 5.054 (1/2 litro); 1 frasco n.º 1.505 (1/4 litro); 1 frasco tinta Estilográfica (1/8 litro); idem (1/16 litro); 1 frasco tinta carimbo. Oferta dos conceituados fabricantes A. Ferreira L.da da Rua da Junqueira, n.º 233 em Lisboa. Material útil a todos os grupos.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da» Uma bússola de bolso, oferta deste estabelecimento de artigos de precisão, Rua Eugénio dos Santos, 75 em Lisboa.

Não deixe de concorrer, demonstrando os seus conhecimentos, habilitando-se aos interessantes prémios, marcando a posição do Grupo da sua simpatia e habilitando-o, também, aos valiosos prémios colectivos.

Em Janeiro de 1947 o «*Sempre Pronto*» organizará uma festa onde será prestada homenagem aos Grupos vencedores do Concurso e aos Grupos Campeões da venda do jornal; serão distribuídos os prémios colectivos e individuais, e serão entregues diplomas a todos os concorrentes que tenham acertado em todas as respostas.



VITORINO DE SOUSA, L.DA

200, RUA DOS CORREEIROS, 202 / LISBOA

TELEFONE 2 7458



Fabricante de material de Campismo e bolas de Futebol e Voleibol



Não comprem • sem • consultar • os • nossos preços



DESCONTOS A GRUPOS DE ESCOTEIROS



TENDAS

E TUDO PARA

CAMPISMO



A CASA DA ESPECIALIDADE

Barracas Sombreiros

TENDAS e material de acampamento

TOLDOS

PARA ESTABELECIMENTOS / PRAIAS
JARDINS (montagens completas)
SOFÁS BALOIÇO

ENCERADOS PARA TODOS OS FINS

Fabrico — Aluguer — Venda — Reparação

VESTUÁRIO DE OLEADO

única pintura maleável e lubrificante

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS

R. Vale de S.to António, 59-Telef. 25357-LISBOA



ORGANIZAÇÃO MAQUINEX, L.DA

TRAVESSA DAS PEDRAS NEGRAS, 1-3.º

TELEFONE

LISBOA

OFICINAS PRÓPRIAS PARA REPARAÇÕES

De máquinas de escrever, calcular e somar, manuais e eléctricas, duplicadores, etc.
De caixas registadoras de todas as marcas
De aparelhos de cinema amador, mudos e sonoros.
De toda a mecânica de precisão.

Contratos de limpeza e assistência técnica

CONSULTE-NOS SEMPRE ORÇAMENTOS GRÁTIS

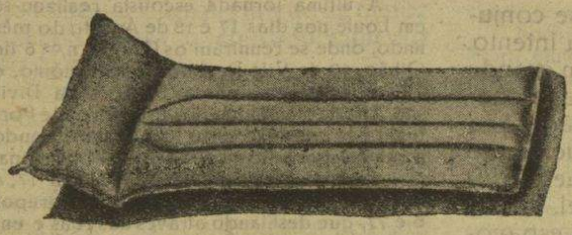
Venda, compra e aluguer de máquinas de escritório

A maior e melhor organização do país

SECÇÃO TÉCNICA

A cama no campo

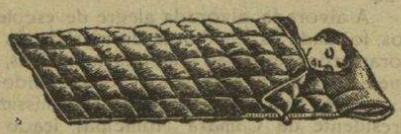
A cama de campo é assunto que deve merecer particular atenção de todos que se dedicam à prática do campismo. O repouso é essencial como preparação para um dia de actividade campista ou como descanso após um dia de acção.



Colchão pneumático

Para que possa haver repouso é indispensável que haja conforto.

Um dos principais encantos da vida no campo é o espírito de aventura que ela proporciona. E, especialmente a juventude, sente-se encantada com este aspecto. Se uma das principais vantagens do campismo é desenvolver o espírito de iniciativa, aproveita-se o prazer da aventura levando o rapaz a tirar todo o proveito dos recursos que a natureza põe à sua disposição, estimulando a sua iniciativa no sentido de conseguir o máximo conforto sòmente com aqueles recursos.



Saco de dormir

Para boa organização da cama de campo o maior cuidado deve residir no isolamento do chão. A humidade é a grande inimiga do campismo.



Colchão de campismo (pasta)

Consegue-se bom isolamento fazendo a cama com uma camada de feno, folhas secas, fetos, porém é muito preferível a caruma de pinho que nos oferece maior conforto.

Os tojos dão, também, uma agradável cama, muito embora os *pata-tenras* fiquem aflitos quando vêem introduzi-los na tenda. Acamam-se e batem-se com uma vara ou pisam-se. Cobrem-se depois com o *pano de chão* e podemos garantir que a cama é magnífica.

O *pano de chão* deve ser constituído por tecido impermeável. Algumas vezes é dispensável quando se consegue uma boa camada de feno ou caruma, porém como nem sempre isso acontece, é conveniente que nunca falte no equipamento.

Jornais (ou quaisquer folhas de papel) são material muito útil no campo, quer para o isolamento do chão, quer para abafo. É de aconselhar que nunca faltem no equipamento sendo de grande utilidade que com eles se constituam coletes para protecção do tronco, dos rins e agasalho dos pés.

Para constituir a cama pode ainda usar-se um saco de tamanho conveniente (1m,40) que se enche com feno, caruma, etc. A almofada é pormenor importante para a comodidade. Pode ser constituída com roupa e outros objectos, mas o mais prático é o saco alpino ou, melhor, um saco já próprio para o fim, que igualmente se enche com feno ou caruma.

A cama fica completa com a manta, que é conveniente seja de lã e não muito pesada. Em patrulha a cama pode ser colectiva com a vantagem de desenvolver o espírito de solidariedade, pois as mantas são divididas entre todos, ficando umas sobre o *pano de chão* e outras como cobertura, sendo beneficiados aqueles que, quase sempre por carência, dispõem de manta mais fraca. Porém, o mais eficiente é o cobertor alinhavado em volta com uma abertura, transformado assim em *saco de dormir*.

É esta a maneira de fazer campismo que mais se adapta ao espírito aventureiro dos rapazes, sendo certo que proporciona o necessário conforto. Porém, presentemente, as casas de artigos de campismo, de que a publicidade do «*Sempre Pronto*» é índice recomendável, proporcionam-nos hoje material de campo de grande comodidade, particularmente útil para campismo itinerante, familiar ou individual.

Destaca-se o *colchão pneumático*, artigo que nos faculta uma cama muito cómoda, a par dum óptimo isolamento. Recomenda-se usá-lo sempre sobre o *pano de chão*, pois que qualquer espinho pode fàcilmente provocar uma rotura.

O *saco-cama* é, igualmente, uma peça excelente. Constituído por um acolchoado de penas, é um aperfeiçoamento do saco que aconselhamos se fizesse com o cobertor. Com uma só peça, bastante leve, consegue-se cama e abafo confortáveis e bom isolamento, que pode ser reforçado com o *pano de chão*.

Existem ainda *almofadas pneumáticas* que podem ser adaptadas com vantagem às camas improvisadas. Também se encontram colchões próprios para campismo.

Pode-se ainda dormir confortàvelmente numa rede estendida entre duas árvores, desde que se esteja devidamente embrulhado numa manta.

Para campismo fixo encontram-se ainda à venda camas articuladas.

As gravuras que ilustram esta página foram-nos gentilmente cedidas pela **Casa Vieira Campos.**

Campeões do "SEMPRE PRONTO,,

	N.º 14	N.º 15	
Grupo n.º 84.....	93	93	exp.
» » 60.....	57	57	»
» » 2.....	54	54	»
» » 80.....	50	50	»
» » 6.....	33	33	»
» » 91.....	29	30	»
» » 53.....	26	26	»
» » 93.....	26	26	»
» » 52.....	25	25	»
» » 15.....	20	20	»
» » 44.....	20	20	»

Publicaremos sempre a relação dos primeiros 10 campeões do «*Sempre Pronto*».

Concurso de 1946

VII

Para nos orientarmos pelo relógio qual é o ponteiro que se aponta para o Sol?.....

Nome do concorrente .....

..... *Grupo* .....

Morada .....

Localidade.....

..... *Data*.....

Recorte, preencha e remeta ao «*Sempre Pronto*».

A CAVERNA DE AKELÁ

Meio minuto de conversa

Lobitos de Portugal:

Cá estou novamente junto de vós. «A Caverna de Akelá» continua a narrar-vos os incidentes da vida de Vasco, um lobito como vocês.

Ao lerdes estas linhas, tereis ocasião de recordar as peripécias da vossa vida de lobito.

Lembram-se do dia em que pela primeira vez foram à reunião da Alcateia? *Como tudo é diferente agora! Muitos dos vossos companheiros de então, são hoje escoteiros.*

Não os quero importunar mais. Cá continuo à espera das vossas notícias.

Vosso amigo
JOEL

VASCO, LOBITO PATA-TENRA

II

Vasco, ao chegar a casa, não podia esconder o entusiasmo que sentia. Foi procurar seu pai para lhe contar os episódios que presenciara na primeira visita à *caverna* dos lobitos.

O Sr. Custódio, (assim se chamava o pai de Vasco), descobriu logo a excitação de que seu filho estava possuído. Depois de se cumprimentarem, perguntou-lhe:

— Parece que vens muito satisfeito. Que te aconteceu?!

— Fui com o Fernando à reunião dos lobitos. Se soubesse como eles brincam lá! Akelá ensina-lhes coisas tão bonitas, as danças da floresta...

— Mas o que é isso de Akelá?! —inquiriu admirado por não compreender aquelas palavras estranhas.

— É o nome que têm todos os chefes dos lobitos,—explicou Vasco.

— E o que quer isso dizer?

— Akelá era o nome do lobo que protegeu Maugli...

—Continuo a não perceber nada, —replicou o Sr. Custódio, cada vez mais intrigado. Explica-me de onde vieram esses nomes.

—Estes nomes são da «História de Maugli»...

E, tirando um papel da algibeira [illegible]ça, entregou-o ao pai. Era um res[illegible] história da vida de Maugli.

Tomado de uma viva curiosidade, o Sr. Custódio começou a ler em voz alta:

«Maugli era filho de um lenhador que vivia num acampamento no meio de uma grande floresta, onde existia toda a sorte de animais, desde os mais inofensivos às piores feras. Entre estas, destacava-se Xiracã, o tigre terrível, temido pela sua cobardia e astúcia.

«Numa noite, andava Xiracã pela selva, faminto, procurando caça, quando foi atraído por uma luz que brilhava numa clareira da floresta. Aproximou-se, cautelosamente, e reparou que essa luz era a da fogueira do acampamento de lenhadores—a família Maugli.

«Todos dormiam. Xiracã, que receava os Homens, sentiu um grande júbilo pela presa que tinha diante de si. Parecia que tudo se conjugava para conseguir o seu intento.

«Tomou balanço e, num grande salto, foi cair no meio do acampamento; mas a precipitação fê-lo tombar em cima da fogueira; ao sentir o ardor forte da queimadura, soltou um uivo terrível. Todos os acampados acordaram espavoridos. Ao ver-se descoberto, Xiracã fugiu e escondeu-se no ponto mais escuso da mata.

«O filho do lenhador, ao ver aquela confusão, refugiou-se na floresta, acabando por se perder.

«Longe de se intimidar, o pequeno procurou com afinco o caminho do acampamento.

«Ao transpor uma brenha encontrou Akelá, o velho lobo cinzento. Julgando-o um cão, começou a acariciá-lo, carinhosamente. Akelá ficou muito satisfeito e, com muito cuidado, levou-o na goela para a sua caverna; lá estavam também a mãe loba e quatro lobinhos. Os dois resolveram adoptar como filho o pequeno lenhador e puseram-lhe o nome Maugli, que significa *rã*, devido a macieza da sua pele, lisa e sem pelos no corpo, como têm os lobinhos».

E assim continuava a história.

No fim, o Sr. Custódio comentou:

— É interessante a história de Maugli, mas não consigo compreender a razão de vocês se considerarem também lobos...

Vasco não se embaraçou com a objecção de seu pai e explicou-lhe imediatamente:

—É que nós fazemos o possível por seguir o exemplo de Maugli: ser fortes, corajosos e decididos. Obedientes a Akelá, que, no nosso caso é o chefe da *Alcateia*. Estes ensina-nos as danças da selva e os artifícios para conseguirmos *boa-caça*. Vai sempre à nossa frente a indicar-nos as sendas da floresta...

—Já sei, já compreendi tudo,— interrompeu o Sr. Custódio. — Tu queres também pertencer à *caverna*, não é verdade?

—É verdade, meu pai! mas para isso preciso da sua autorização...

— Desde já a tens, podes ir dizê-lo ao teu chefe...

Vasco, sorridente, tirou da sua algibeira um papelinho cuidadosamente dobrado; era uma proposta para admissão de lobito. Entregou-a prontamente ao Sr. Custódio.

Enquanto seu pai a preenchia, Vasco sentia-se já um lobinho a valer—um lobito pata-tenra.

A seguir: «Novamente na *Alcateia*»

Uma grande jornada de propaganda escotista em Loulé

O Escotismo no Algarve está vivendo uma fase de grande actividade, realizando uma Obra que dignifica o Movimento na Região Sul. As distâncias que separam os diferentes grupos, as dificuldades e carestia dos transportes, nada impede que se realizem repetidas e entusiásticas actividades de conjunto. Indiferentes a tudo quanto possa constituir obstáculo à sua expansão, sem receararem contactos com outros movimentos, que nada prejudicam a sua boa orientação escotista, os escoteiros algarvios trabalham.

A última jornada escotista realizou-se em Loulé nos dias 17 e 18 de Agosto do mês findo, onde se reuniram os Grupos n.os 6 de Olhão, 60 de Vila Real de Santo António, e 77 de Faro, bem como as Secções da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal das duas primeiras localidades, dando a sua colaboração à Feira Popular Louletana.

Cerca das 23 horas de sábado dia 17, a vila de Loulé assistiu à chegada dos grupos 6 e 77, que desfilando através das ruas e entoando canções escotistas, se dirigiram ao local da Feira onde foi instalado um acampamento modelar, cuja montagem terminou já de madrugada em virtude do Grupo n.º 60 ter chegado tarde por força dos horários de caminho de ferro.

Os departamentos da D. A. F. de Olhão e Vila Real também se fizeram representar com 25 elementos que, por gentil amabilidade da digníssima Câmara Municipal de Loulé, foram alojados numa das pensões da Vila

A alvorada, alvorada alegre de escoteiros, foi dada às 7,30 horas da manhã. Às 9 horas procedeu-se ao içar das bandeiras, a que assistiram as autoridades locais, tendo o Ex.mo Sr. Dr. Aires de Lemos, digníssimo Presidente da Câmara Municipal, içado a bandeira da nossa Pátria.

Às 11 horas realizou-se um desfile de todos os elementos escotistas presentes, cerca de uma centena. Auto-falantes instalados na principal artéria — a Avenida da República—elucidavam o público acerca da identidade dos grupos em desfile, ao mesmo tempo que eram feitas referências ao valor do escotismo, acompanhadas de larga distribuição de impressos de propaganda escotista e de exemplares do nosso jornal. Durante a tarde o programa cumpriu-se com toda a regularidade, tendo-se efectuado provas desportivas entre os três grupos e uma parada de ginástica pelo grupo 6.

Às 20 horas foram arreadas as bandeiras e, logo após o jantar, perante uma muito numerosa assistência de louletanos, realizou-se o tradicional «fogo de conselho», dirigido pelo Escoteiro-chefe Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros que convidou o Sr. Francisco Militão dos Santos, chefe do grupo 6 e dirigente mais antigo da província, a abrir o fogo. O camarada Manuel Leiria do 6 dissertou sobre o significado da cerimónia e os grupos 6 e 60 apresentaram o seu vasto reportório de canções escotistas, que a assistência entusiàsticamente aplaudiu.

Seguidamente prestaram Compromisso de Honra 3 aspirantes de cada grupo, cerimónia a que presidiu o Chefe do 60, Sr. António Vicente Campinas, e o fogo terminou com o Hino dos Escoteiros de Portugal entoado por todos os escoteiros.

Às 22,30 horas novamente os escoteiros se apresentaram em público, dando a sua

(Continua na 3.ª coluna da 7.ª página)



Prezados Camaradas:

A nossa Região voltou a ter o afã dos outros tempos, com as suas reuniões ordenadas, no sentido de um benéfico trabalho, para o qual cada Chefe deve dar a melhor colaboração, pronunciando-se abertamente naquilo que julgue de maior interesse para o engrandecimento do Norte.

O nosso Chefe Regional não pretende impor-se como senhor absoluto, mas sim ouvindo, apreciando para determinar com razões justificadas: Aos escoteiros cumpre auxiliar os seus Guias, estes por sua vez auxiliarão os seus Chefes que por sua vez darão o melhor da sua colaboração ao Chefe Regional engrandecendo assim a Região. Por isso, irmãos Escoteiros, a acção da Região Norte não depende exclusivamente do Chefe Regional, mas sim dos esforços conjugados de todos nós.

ÁGUIA DAS ALTURAS

NOTÍCIAS

GRANDE ACAMPAMENTO

Nos passados dias 27 e 28 de Julho, por iniciativa do Grupo 91, realizou-se este grande acampamento, ao qual deram a sua colaboração os Grupos 4, 15 e 44. Por volta das 20 horas, do dia 27, já o campo apresentava um interessante aspecto, pois as tendas dos Grupos acima referidos montadas numa vasta área, davam um certo ar de grandiosidade a que poucas vezes assistimos Pelas 23 horas, deu-se início ao Fogo do Conselho, ao qual assistiu o Chefe Regional. presidindo ao Auto do Fogo. Também muitos camaradas do C. N. E. tiveram a amabilidade de nos visitar e participar da cerimónia do Fogo do Conselho. Cantaram-se diversas e interessantes canções, ouviram-se poesias e recitativos por elementos de todos os Grupos, tendo o Chefe Regional encerrado esta cerimónia com um interessante improviso.

No dia seguinte, após a alvorada, todos os Grupos se lançaram ao trabalho de acordo com os programas estabelecidos, e, dos quais constava uma ponte himalaia que alguns elementos dos Grupos presentes chefiados pelo Chefe do Grupo 44, Sr. António Moreira, construiram e lançaram, permitindo o acesso a outro terreno que se achava distanciado cerca de 20 metros. Esta ponte serviu de entretenimento não só para os Escoteiros como para muitos visitantes, sendo também utilizada para encurtar caminho.

Após o almoço, que decorreu duma maneira muito agradável, e quando todos se preparavam para os exercícios da tarde, chegou a notícia do falecimento do Escoteiro Mário Magalhães Pereira, do Grupo 44 e que há já algum tempo se encontrava doente. Em virtude desta inesperada notícia, que a todos entristeceu, foi resolvido pelos Chefes dos Grupos presentes não se proceder a mais trabalhos, pelo que sòmente se aceitou a promessa de alguns aspirantes, dando-se por findo o acampamento. Pelas 19 horas levantaram campo e num interessante desfile todos os Grupos atravessaram a vila até à cidade.

MÁRIO MAGALHÃES PEREIRA

A notícia do falecimento deste Camarada, Guia de Secção do Grupo 44, ao qual desde sempre deu o melhor do seu esforço e inteligência, veio surpreender todos os Escoteiros que no Acampamento do dia 28 de Julho se achavam reunidos. Em todos se notou uma pungente mágoa de tristeza e saudade por aquele que tantas e tantas vezes, também se achou e trabalhou em acampamentos semelhantes.

No dia 29, realizou-se o funeral e, apesar de ser um dia de trabalho, todos os Grupos se fizeram representar com alguns dos seus elementos, tendo tambem tomado parte o nosso Chefe-Regional.

Ao Chefe do Grupo 44, íntimo amigo do falecido e a toda a família em crepes apresentamos sentidas condolências.

JAGUAR BRANCO

Uma grande jornada de propaganda escotista em Loulé

(Continuação da 6.ª página)

colaboração ao Grupo Campista «Os Fixes» núm acto de variedades realizado na esplanada da feira popular. Abriu esta sessão o Sr. Presidente da Câmara que, numa bela e interessante palestra, fez o elogio do Campismo e do Escotismo. O nosso camarada Trigueiros agradeceu em nome dos Campistas do Algarve e o camarada Leiria em nome dos Escoteiros, tendo feito um apelo ao povo de Loulé para que desse o seu patrocínio a um núcleo escotista a constituir naquela Vila. Entrando pròpriamente no programa de variedades os grupos 6 e 60 apresentaram recitativos, números de canto coral e fizeram demonstrações escotistas.

Assim terminou esta grande jornada de divulgação escotista — a maior feita no Algarve. Na segunda-feira, às 5 da madrugada, os escoteiros, transportando vasto equipamento, percorreram os 6 quilómetros que separam a estação de C. F. da Vila, demonstrando com mais este esforço o valor do seu espírito e a inabalável resolução de fazer progredir o Escotismo no Algarve.

* * *

O Grupo n.º 6 delegou no nosso estimado amigo Sr. Joaquim da Costa Fernandes, coadjuvado por antigo escoteiro de há 20 anos de Lisboa e actualmente residente em Loulé, o encargo de estudar a possibilidade de se constituir um grupo de escoteiros em Loulé.

Após a apresentação de propostas para aspirantes-escoteiros, os dirigentes dos grupos da Província reunirão para estudar o assunto e o caminho a seguir.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A Patrulha Búfalo

Folhetim do «Sempre Pronto» Por R. K. E.

Desvendando o mistério

Há quatro horas que caminhavam. Novamente surgiu o estafeta-ciclista. O Chefe pedia para sustar um pouco a marcha para estabelecer postos de transmissão nos pontos altos, pois a distância era grande e já não era possível manter a comunicação com os ciclistas.

A «Búfalo» estacou. Passado relativamente pouco tempo era muito curioso verificar que o sinal estabelecido era agora transmitido do alto dos montes. O guia da «Búfalo» estava entusiasmado. Nunca esperou que os diversos exercícios de Morse, pudessem vir a ter um dia aplicação prática.

Estavam pedindo trasmissão! O guia respondeu. A lanterna prestava-se admiràvelmente. Passava a receber: A V A N Ç A R avançar. Logo seguido o sinal de fim de transmissão. Não havia tempo a perder. A patrulha continuou imediatamente a marcha. Cada vez se tornava mais difícil identificar os sinais no leito da estrada. Mas, de repente, junto a uma vivenda, havia o sinal de perigo *seguido de* caminho a evitar. *Tinha-se chegado a um ponto importante. O guia recuou novamente e, por detrás duma curva da estrada, transmitiu ao posto mais próximo a seguinte mensagem:* Alto. Procedo a observações. *Momentos depois recebia o sinal de entendido e alegrava-se imaginando como as suas palavras estavam agora sendo trasmitidas de monte para monte, através de tão grande distância, por intermédio dos diversos postos de transmissão.*

Era preciso voltar ao local suspeito. Era prudente não ir só. Chamou por isso o escoteiro mais próximo e foram os dois analisar a pista. Procuraram com cuidado o novo sinal de caminho a seguir. Tactearam o solo até que descobriram, vincado na terra, novo traço e, coisa curiosa, seguia na direcção da porta da garagem da vivenda. Já não poderia haver qualquer dúvida. Certamente que Fred teria vindo pendurado nalgum automóvel.

O guia, enquanto prosseguia nas investigações, encarregou o seu companheiro de transmitir a descoberta. Espreitou pela porta da garagem. A escuridão era completa. Muito baixinho lançou o grito da patrulha, mas de dentro nenhuma resposta.

Quedou-se, então, a pensar na maneira como poderia desvendar o estranho mistério. A coisa estava difícil. Bater à porta seria imprudência que poderia fazer perder a pista de Fred. Estava ele ocupado nestes pensamentos quando se ouviu barulho dentro da garagem e logo alguém se preparava para abrir a porta. Mal teve tempo de dar uma curta corrida e se estiraçar na berma da estrada.

Aberta a porta saiu um automóvel que, feita a necessária manobra, seguiu velozmente na direcção da cidade. O guia sequer teve possibilidade de ver o número, mas, como a garagem se encerrou de novo, não perdeu tempo a comunicar que um automóvel suspeito seguia para a cidade. É certo que, quando ele chegasse à entrada da cidade, já a notícia lá estaria.

De novo voltou para a vivenda. Tornou a espreitar na porta da garagem, mas nada. Todas as janelas se encontravam hermèticamente fechadas, não deixando passar o menor vestígio de luz. Por fim reparou que, num dos lados, havia uma pequena janela de cave defendida com grade de ferro. Fez incidir sobre ela a lanterna. Entretanto, o escoteiro que o acompanhava entregou-lhe uma mensagem recebida que dizia assim: Investigue cautelosamente. Chefe.

(CONTINUA)

ENTRONCAMENTO

Inauguração do edifício camarário

Conforme demos rápida notícia no último número, efectuou-se no domingo, dia 28 de Julho findo, a inauguração do edifício camarário do Entroncamento. Logo de manhã a Vila apresentava um aspecto festivo com as janelas engalanadas. Cerca das 10 horas começou-se a fazer a concentração das colectividades do concelho e de muito povo no largo fronteiro à Câmara. Mocidade Portuguesa, Legião, Liga dos Combatentes, crianças das Escolas e o Grupo n.º 84 dos Escoteiros de Portugal com a sua Banda que teve papel de destaque nas comemorações. Pouco depois a Banda dos Escoteiros rompeu com a Portuguesa e a Bandeira Nacional subiu no mastro do edifício, perante a saudação do povo e dos estandartes das diversas colectividades.

Às 11 horas uma salva de 21 morteiros anunciou a chegada do Sr. Ministro do Interior aos limites do Concelho onde era aguardado pelo Sr. Governador Civil, Comandante Militar da Região, Presidentes da Câmara e da Junta de Freguesia. A comitiva dirigiu se imediatamente para a Câmara Municipal onde um gentil grupo de meninas trajando à maneira das guardas de linha lhe deu as *boas vindas*, abrindo simbólicas cancelas de passagem de nível. Na casa da *guarda da linha*, pitorescamente montada no local, foi servido um Vinho da Região.

A Banda do 84 executou a «Maria da Fonte» e o Sr. Ministro do Interior, perante a saudação dos escoteiros, dirigiu-se à porta do edifício onde cortou a fita simbólica, enquanto se fazia uma largada de mil pombos.

Na sessão solene, realizada na sala das sessões, diversos oradores puseram em destaque as primorosas qualidades do nosso amigo Sr. José Duarte Coelho, dedicado Presidente do Grupo 84, a quem se deve o progresso do Entroncamento, futura cidade de ferroviários. De facto, ao Sr. Duarte Coelho, são devidas todas as honras, pois, com inabalável resolução, na sua qualidade de Presidente da Junta de Freguesia, promoveu obras e melhoramentos que, como a captação das águas, tornaram a Vila digna da sua elevação a sede do Concelho. O próprio edifício camarário, cuja construção se iniciou há alguns anos, foi mandado construir pela Junta da sua presidência, já prevendo, com muita antecipação, o acontecimento que agora se deu.

De tarde foi servido ao Sr. Ministro e demais convidados, na sala de jantar do Refeitório dos Indigentes, um almoço tipicamente ribatejano. Durante o almoço a Banda dos Escoteiros executou um excelente concerto, que mereceu os maiores elogios dos convidados presentes pela boa execução.

O «*Sempre Pronto*», que esteve presente nas cerimónias representado pelo seu Director, deseja pôr em merecido destaque a cooperação que o Grupo n.º 84 dispensou aos festejos no Entroncamento. A sua Banda tem uma execução excelente e é já composta, na sua maioria, por escoteiros que, além da sua colaboração artística, trabalham na parte técnica do Grupo com notável entusiasmo. Bem merecem, pois, que, dentro de semanas, quando for inaugurada a sua excelente sede que está instalada no edifício camarário, os escoteiros da Capital acorram em grande número ao Entroncamento a manifestar a sua simpatia àqueles camaradas.

Concerto—No dia 11 de Agosto realizou-se um novo concerto do Jardim Parque, que oferecia um ar festivo dado o grande número de pessoas que acorreram a ouvir a Banda dos Escoteiros.

Corpo Nacional de Escutas—De passagem para Tomar estiveram no Entroncamento muitos irmãos-escutas que visitaram a Vila e trocaram saudações com escoteiros do nosso Grupo.

Acampamentos—Por iniciativa da patrulha «Galo» efectuou-se nos dias 20 e 21 de Julho um acampamento no Pinhal de S. Luís, devidamente autorizado pelo Feitor da Quinta da Ponte da Pedra, da Casa Cadaval.

Foi cumprido um agradável programa, tendo o regresso sido feito às 21 horas, debaixo de forma através da Vila, entoando marchas escotistas.

Dedicado aos aspirantes do Grupo, nos dias 3 e 4 de Agosto realizou-se um novo acampamento no mesmo local.—*D.*

Promoção a Sub-chefe—No domingo, dia 11, na sede do Grupo, realizou-se uma sessão íntima durante a qual foi entregue a insígnia de Sub-chefe ao nosso Delegado Sr. Aníbal Rodrigues Horta, lugar a que foi merecidamente promovido.

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Grupo n.º 6 — Olhão

No Concurso inter-patrulhas trimestral, que está a decorrer sob a denominação de HONRA E MÉRITO, ficou vencedora a patrulha «GALO», à qual foi entregue na reunião Geral do Grupo de 16 de Agosto, um lindo galhardete Troféu, que será usado na vara do sub-guia.

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Actividades—Este Grupo tem acampado todos os domingos nas diversas praias dos arredores de Vila Real, e realizou também um acampamento à «Vila Lolita», propriedade duma irmã-escoteira, situada na serra de Cacela, o qual foi muito animado. Participou também neste acampamento a secção da D. A. F. local.

LOBO DO GUADIANA

Campanha para 1.000 novas assinaturas

Continua a aumentar o número dos nossos assinantes, porém ainda estamos longe das 1.000 novas assinaturas propostas. Apelamos portanto, para todos os nossos amigos que colaborem nesta Campanha de maneira a que em breve possamos ter atingido o nosso alvo.

Temos hoje o prazer de registar a entrada dos seguintes assinantes:

Srs. Rev. Dr. Adriano Botelho, Álvaro Vasco Fernandes e Carlos da Graça Quilhó, propostos pelo nosso agente Sr. Francisco Manuel do Amaral.

Srs. Sérgio Conde Ribeiro, D. Maria Filomena Conde Ribeiro de Almeida, D. Carolina Rocha Machado, D. Maria José Ayala Monteiro, Coronel António Brandão de Melo e *Miss* Denise Lester, propostas pelo nosso redactor Sr. Henrique Alves de Azevedo.

Sr. Luís Simões Aurélio proposto pelo Sr. Manuel de Sousa Coelho. Sr. Joaquim A. Faustino proposto pelo nosso Delegado Sr. Aníbal Rodrigues Horta.

Srs. Aniceto Pereira, Gilberto Túbio, D. Elisa Simões e A. Ferreira Nogueira, propostos pelo nosso Delegado Sr. Alberto Borges Mendonça.

Directamente os Srs. Daniel Martins e Frederico Pereira Jardim.

Aos novos assinantes e seus proponentes apresentamos os nossos melhores agradecimentos.

O número de novas assinaturas fica em 444.

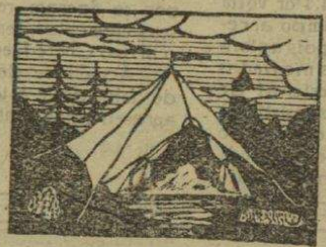
CASA MÃE DA GAIATA DE LISBOA

O [illegible], irmão-escoteiro Sr. Alberto Borges de Mendonça, dedicado [illegible] do «*Sempte Pronto*» em Moçambique, enviou-nos a quantia de [illegible]$00 para ser entregue à Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal, para auxílio da simpática Obra da Casa Mãe da Gaiata de Lisboa.

Em nosso nome e em nome daquela Instituição os melhores agradecimentos.

Vai ter com a formiga, ó preguiçoso: olha para os seus caminhos, e sê sábio.

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO



TIAGO
LIMITADA

RUA DO BENFORMOSO, 57
LISBOA
(AO TEATRO APOLO)

Fabricantes especializados de todo o material de CAMPISMO e PESCA DESPORTIVA

FORNECEDORES DE CASAS DA ESPECIALIDADE

VENDA DIRECTA AO PÚBLICO

DESCONTOS A GRUPOS DE ESCOTEIROS

